

CONSTRUINDO UM LUGAR DE ENCONTRO NO ESPAÇO ESCOLAR: CATU DOS ELEOTÉRIOS E A ARTE COMO RUPTURA DE BARREIRAS

Cícero Pinheiro de Andrade Neto / SEEC-RN

Artur Luiz de Souza Maciel / CEEAV PPGARTES/EBA/UFMG

RESUMO

Esta pesquisa participante e de abordagem qualitativa tem como objetivo apresentar as experiências de ensino e produção de arte em um contexto de preconceito/discriminação entre moradores da cidade de Goianinha/RN e da comunidade Catú dos Eleotérios. O espaço, marcado por discriminação entre os povos indígenas e os povos urbanos, encontra na escola um lugar de encontro, aonde é possível romper com esses preconceitos/discriminações a partir da produção de um mural. As imagens construídas se dão a partir do imaginário e das narrativas coletadas em pesquisas de campo em Catu dos Eleotérios e são condensadas e plasmadas em um mural construído coletivamente a partir dessa aproximação na cidade de Goianinha/RN. A construção coletiva aproximou parte dessas populações e propiciou momentos de partilhamento, na ruptura das fronteiras entre culturas.

PALAVRAS-CHAVE

Mural; Pesquisa participante; Preconceito/Discriminação; Povo Indígena; Catu dos Eleotérios.

Introdução

Segundo dados da Fundação Nacional do Índio - FUNAI (2020), atualmente existem cerca de 440 terras indígenas regularizadas¹, terras que representam cerca de 12,2% do território nacional. Estas terras estão localizadas em todos os biomas, sendo a maior concentração na Amazônia Legal. Luis Catu (Cacique e professor de Etno-História na escola indígena da comunidade Catu), afirma que ainda existem 305 etnias, que preservam 274 línguas de origem indígena. Muito embora, essas informações não constem nos livros de História.

A comunidade, junto com os moradores da aldeia Sagi Trabanda – do município de Sagi-RN –, lutam para que suas terras sejam demarcadas, e seus antepassados respeitados, uma vez que um antigo cemitério da aldeia Trabanda está ameaçado por uma ação de reintegração de posse, movida por um empresário do ramo imobiliário.

A demarcação das terras tradicionalmente ocupadas pelos povos indígenas se constitui com uma das principais obrigações impostas ao estado brasileiro pela Constituição Federal de 1988(...) Existem também a figura da interdição de área para a proteção de povos indígenas isolados (FUNAI, 2017, on-line).

Segundo Luiz Catu, líder da comunidade, o nome Catu significa "bom" em Tupi, e algumas palavras e nomes de cidades tem catu em sua composição como Botucatu (em tupi Ybytu Katu), que significa bons ares, segundo o Dicionário Ilustrado Tupi Guarani (2020). O nome foi dado pelos que ali chegaram primeiro, pois se tratava de um lugar que atendia as necessidades de caça, pesca e coleta de frutos, em especial, a mangaba, onde sua coleta ainda é uma das principais formas de subsistência dos moradores.

O povo indígena tem sofrido há muito tempo por tentar manter seus costumes. Quando as crianças de comunidades indígenas vão à escola, dificilmente encontram um espaço em que sintam-se parte do meio, causando a reclusão, deslocamento e segregação de muitos, por parte dos outros alunos. Na fase escolar, muitos optam por desistir de seus estudos.

Os moradores da comunidade Catu, devido aos acontecimentos ao longo do tempo, sofrem com a discriminação, levando muitos, até mesmo negarem sua origem potiguara/indígena. Outros, que resistem a pressão, se sentem deslocados em meio a um grupo que os veem como selvagens.

Os alunos que residem em Catu, sofrem com constantes agressões verbais no espaço escolar. Os moradores da comunidade Catu dos Eleotérios, eram o principal alvo destas agressões.

Tratados sob forma de "Catuzeiros", denominação preconceituosa por parte da população urbana, são tratados como inferiores ao restante. As agressões são alguns dos problemas que vem se arrastando por gerações. Os moradores mais velhos da comunidade eram tratados assim, seus filhos e netos também.

No Rio Grande do Norte, durante um longo período, a existência dos povos indígenas permaneceu em completo silêncio. Hoje, alguns desses grupos tem reivindicado publicamente o reconhecimento, embora esse reconhecimento já acontecesse por parte de alguns (poucos) moradores da região. Os moradores do Catu, fazem parte desse grupo e vem enfrentando diversos problemas, tanto judiciais quanto sociais. A discriminação é o que mais afeta, uma vez que nas escolas tradicionais, em que muitas das crianças da comunidade estudam, elas são oprimidas e por muitas vezes dão preferência por esconder sua origem.

Na comunidade conhecida como o Catu dos Eleotérios, tem se intensificado o trabalho de resgate e ensino de costumes dos seus ascendentes.

A principal contribuição desse trabalho foi a tentativa de melhoria da relação entre alunos da população urbana e da população indígena de Catu, a partir do compartilhamento desses imaginários, rompendo com as fronteiras culturais e os aproximando.

O objeto da pesquisa foi a construção de um mural com dimensões de 3x 10 metros, com o uso de técnicas de graffiti, na Escola Municipal Dr. Hélio Mamede de Freitas Galvão (localizada na Rua Café Filho, sem número, as margens da BR-101, Goianinha-RN). Partindo de imagens dos seres encantados que fazem parte do imaginário do Catu dos Eleotérios, comunidade indígena remanescente, entre as cidades de Goianinha e Canguaretama, localizada as margens do Rio Catu, que nasce na mata da comunidade e deságua entre as praias de Sibaúma (Tibau do Sul-RN) e Barra do Cunhaú (Canguaretama-RN).

A pesquisa em arte surgiu a partir de visitas frequentes com a documentação em cadernos, áudio, filmes e fotografias, criando uma articulação entre os sujeitos da pesquisa (pesquisador, os moradores de Catu dos Eleotérios e comunidades), tal como suas manifestações culturais, presentes em suas pinturas corporais e arte/artesanato. Partindo de entrevistas semi-estruturadas foram estabelecidos campos de contato entre as narrativas, o imaginário da comunidade e das lendas, presentes no seu dia a dia, junto ao processo de criação.

Objetos utilizados nos rituais e no dia-a-dia da comunidade como a maracá (instrumento feito com a cabaça e sementes secas), o cocar, o arco e flecha, a zarabatana, as lanças, o cuité (cuia feita a partir da casca do fruto da cuitezeira), os colares de sementes e filtro dos sonhos, serviram como referências para o projeto. O mural foi construído a partir destes dados que se articulam e que se presentificam ao final do trabalho na construção do mural.

Construção do mural

Durante o processo de criação é necessária a maleabilidade do artista-professor. Como cita Rey (2002, p.2),

a pesquisa desenvolve-se em duas direções opostas e complementares: o pensamento estruturado da consciência e um afrouxamento das estruturas inconscientes" (REY, 2002, p.2).

E se articulam a Rink ao pensar

As diversas formas de grafismo utilizadas nas ambiências públicas foram produtos da subjetividade vigente e, também, produtores de subjetividade e do imaginário de um lugar (RINK, 2013, p.19).

Ao longo do processo de pesquisa e criação, muitas alterações foram necessárias em relação ao espaço utilizado, os esboços e até mesmo os materiais empregados. Para que fosse possível a junção do graffiti e a ação pedagógica alguns pontos teriam que ser considerados. Foi planejado uma palestra com o líder da comunidade remanescente Luis Catu, e também um intercâmbio junto a Escola Municipal Indígena João Lino. O segundo ponto seria o local onde o mural, realizado a partir de técnicas do graffiti. Decidimos utilizar o espaço de estacionamento da escola, em uma parede interna de medidas 3x10 metros, e que estaria protegida da ação de sol e chuva.

Além disso, o material utilizado para a pintura teve que ser alterado uma vez que, por se tratar de uma ação em conjunto com as crianças, o esmalte sintético em spray poderia causar alergias e intoxicações. Assim, optei por utilizar da tinta acrílica por se tratar de um material acessível, de fácil manipulação e não tóxico.

Os personagens escolhidos foram a Comadre Florzinha, o Haja Pau e a Mãe D'água, com formas mais humanas, todos com características infantis. Os elementos que os cercam e os tornam característicos das histórias contadas, como a Comadre Florzinha, Haja Pau e Mãe D'Água.



Figura 1. Esboços para o mural.

Para Comadre Florzinha, o mais simbólico é o filhote de tatu que carrega nos braços. O filhote tem uma marca na orelha esquerda, o que, para muitos caçadores da região, é uma forma de identificar os animais protegidos da encantada, e que não devem ser capturados. Além do animal, ela ainda tem os cabelos longos e trançados, o que remete ao que se ouvia quando criança, que a encantada saía a noite para trançar as crinas dos animais. Nas suas tranças, algumas flores de urtiga, a planta que ela usa para espancar aqueles que não agem de forma correta dentro da mata.

O Haja Pau, tem elementos simbólicos nos adereços que usa. As penas de diversas aves colocadas no cocar, nos brincos e também em seu cajado, remete a sua transformação de menino para pássaro. O cajado é a representação da liderança, significado esse que foi observado durante as visitas à comunidade, em que o cacique sempre estava portando uma espécie de cajado, feito de madeira maciça e com desenhos e formas entalhados. Para representar a morte da mãe, ocasionada pelo encantado, foram colocados em seu cajado diversos crânios de pássaros. O seu cajado é simples, como se ele o tivesse retirado de uma árvore e adornado.

Para a Mãe D'água, alguns aspectos como as escamas e guelras foram retirados por conta do alto nível de detalhe. Então, de forma mais simples, a encantada possui em sua mão direita a cuia, o objeto que acreditam ser capaz de trazer a encantada a presença daqueles que a rogam um pedido. A encantada está dentro das águas, que ali representa a nascente do Rio Catu, principal local de aparição do encantado segundo relatos do cacique.

Todos os encantados possuem alguns elementos que representam os que habitam a comunidade, alguns desses elementos são os colares de sementes e brincos feitos a partir de penas coloridas, fibras vegetais e sementes; que hoje é comumente produzido para a subsistência através do artesanato. Outros itens são as pinturas corporais, e que foram feitas a partir das observações feitas durante as visitas de campo e ajuda de alunos da escola e moradores da comunidade Catu, que já haviam

estudado na escola indígena e conheciam as mais diversas formas e seus significados.



Figura 2. Construindo o mural



Figura 3. Mural realizado em conjunto.

Considerações Finais

As experiências vividas nessa proposição, no momento de sua execução, colocaram em contato culturas que foram movimentadas e encontraram na escola um ponto de confluência. Na criação de um mural, as narrativas e imaginários aqui presentes, perpassaram a dimensão da tradição e se colocam em dinâmicas, em seu processo de se tornar, em contato; nas contaminações que essas aproximações também causam/causaram e na possibilidade de convivência que a esperança ainda repousa, atenta.

Referências

BAUER, Mônica. **Grafiteiros de São Paulo: Crânio**. Culturadoria. 09 Maio 2013. Disponível em: < <https://culturadoria.wordpress.com/2013/05/09/grafiteiros-de-sao-paulo-cranio/>> Acesso em: 19 maio 2017.

BRASIL. **Consolidação da Legislação Educacional Brasileira**. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 2008. Casa Civil.

CATU, Luiz. Entrevista concedida a Cícero Pinheiro de Andrade Neto. Goianinha 28 Março 2017.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI. Brasil – **Demarcação de terras indígenas**. Brasília, 2017. Disponível em : <<http://www.funai.gov.br/index.php/nossas-acoes/demarcacao-de-terras-indigenas>> Acesso em: 30 Maio 2017.

LIMA, Marcelo. **Reaprendendo ser potiguar**. Tribuna do norte. Natal, 24 Abr. 2016. Disponível em:<<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/reaprendendo-a-ser-potiguar/344227?utmcampaign=noticia&utmsource=re!>> Acesso em: 31 Maio 2017.

MORITZ, Tatiana; FORTES, Lore. **Turismo no espaço rural e comunidades tradicionais: uma análise das percepções da comunidade do Catu-RN**. Natal, RN: 2010. 79 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós-graduação em Turismo.

PALITOT, Estevão. **No Rio Grande do Norte, três grupos reivindicam publicamente sua identidade indígena**. Conselho Indigenista Missionário. 06 Julho 2011. Disponível em: <<http://www.cimi.org.br/site/pt-br/?system=news&action=read&id=1296>> Acesso em: 30 Maio 2017.

PASSERON, René. **A poética em questão**. Poïétique. Actes du Ier. Colloque international de Poïétique, 1998.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Org.) **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre : E. Universidade/UFRGS, 2002. p.123-140.

RINK, Anita. **Graffiti: intervenção urbana e arte**. 1 ed Curitiba: Appris: 2013.

WENENBURGER, Jean-Jacques. **Introdução ao Imaginário**. Lisboa: 1998.

Cícero Pinheiro de Andrade Neto

Artista visual, professor e pesquisador. Licenciado em Artes Visuais (UFRN). Realizou workshop sobre “Desenvolvimento Criativo em Arte na Religião”, nas cidades de Puebla de Zaragoza e Tecamachalco, Estado de Puebla, México; Bolsista do Programa Mais Educação. Atua como professor da rede estadual de ensino do Rio Grande do Norte (SEEC/RN). Contato: ciceropinheiro_19@hotmail.com

Artur Luiz de Souza Maciel

Mestre em Artes Visuais (PPGAV UFPB/UFPE); Licenciado em Artes Visuais (UFRN) com período sanduíche na FBAUP (Portugal); Tecnólogo em Produção da Construção Civil (CEFET-RN). Atuou como Professor de Arte na SEEC/RN; Professor Substituto no Curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFRN nas áreas de Expressão Visual, Desenho e Gravura. Atualmente trabalha como Professor de Arte SME Vespasiano-MG; Professor Formador 2 no CEEAV PPGARTES/EBA/UFMG. Contato: artursouzasete@gmail.com

¹ Atualizado em maio de 2020, seguindo os dados disponibilizados no site: <<http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas>> acesso em 30 mai. 20.